

O banco de Elza

Edmilson Naves

Conto

Já se passaram anos e eu venho a esta praça todos os dias conversar um pouco com a minha amada Elza que já se foi há alguns anos. Eu sou o Mathias, mineiro de Lavras eu cheguei para o Rio de Janeiro nos anos sessenta a procura de trabalho e consegui emprego na Companhia de Eletricidade, fui porteiro, administrativo, fiz curso de elétrica, virei operador e depois gestor e Deus foi muito bom comigo. Conheci a Elza ali em Benfica, o pai dela tinha uma barraca na feira e eu passava lá todos os domingos para comprar milho verde, couve ou fubá da roça. Numa das minhas compras sempre apressadas, pois às vezes eu estava a trabalho e quando bati os olhos na bela morena de olhos castanhos e de sorriso fácil e os dentes como nunca tinha visto outros iguais, então de primeira me apaixonei. Foram semanas de troca de olhares e muitos molhos de couve. Fazer amizade com o seu Aristeu e a dona Joana demorou um pouco, a mãe desconfiou primeiro e falou com a filha que estava sendo cortejada e Elza confirmou que sim e que queria me conhecer. Então a mãe a autorizou conversar comigo na barraca do pastel, mas antes os pais vieram com algumas perguntas onde eu morava, se tinha família se estava comprometido com alguém e quanto tempo eu tinha de trabalho. Daí começou o namoro e em oito meses estávamos entrando na igreja e não me canso de lembrar como se fosse ontem a mais bela das noivas que vi em toda minha vida. Tivemos nosso casal de filhos e toda a tarde nós vínhamos passear na praça, sentávamo-nos no banco lá do fundo, ficávamos de mãos dadas conversando, fazendo planos de férias com as crianças e depois nas viagens para visitar os filhos. E há três anos Elza desmaiou na cozinha e meu mundo veio abaixo quando no hospital o médico nos informou que era um aneurisma e que não adiantava operar, estava inconsciente e assim ficou por vinte dias até partir. Desde então eu venho duas vezes por semana conversar com Elza aqui no banco da praça é que os amigos colocaram uma placa no banco onde está

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

gravado "O banco de Elza".

Quase ninguém se senta nele somente os novatos que frequentam a praça ou nossos amigos, e eles sabem que quando me sento ali e fico falando sozinho, dando notícias dos filhos e agora um neto que estão longe daqui eles nossos amigos respeitam o momento, pois sabem que não estou louco. São saudades da minha Elza, que entrou na igreja com um buquê de flores de laranjeira e com os olhos marejados e o olhar mais lindo que ganhei estará eternamente no meu coração.